UMA REAVALIAÇÃO DA VIDA E DA OBRA DE WILLIAM BECKFORD EM PORTUGAL

Maria Laura Bettencourt Pires

Decorridos seiscentos anos após a assinatura do Tratado de Windsor, em 1986, celebra-se também o segundo centenário da primeira edição de *Vathek*, uma das mais conhecidas obras de William Beckford, escritor e viajante inglês, que, no fim do século XVIII nos visitou. Houve comemorações alusivas a esse bicentenário em Inglaterra, na América e em todos os países a que Beckford se referiu nas suas obras, excepto em Portugal. O que eu própria escrevi sobre o assunto foi publicado no Canadá e em França, mas entre nós nada se fez ...

Ao longo desta comunicação pretendo demonstrar como foi importante a atracção mútua sentida por William Beckford e pelo nosso país para o desenvolvimento de certos aspectos das relações Anglo-Portuguesas oficialmente iniciadas com a assinatura do Tratado de Windsor, que agora celebramos.

Antes de entrar propriamente no tema desta comunicação, é ainda de mencionar, que se justifica que se incluam num colóquio comemorativo das relações diplomáticas entre Portugal e Inglaterra algumas referências a alguém que tanto por elas se interessou e que chegou a ser considerado agente secreto do governo inglês.

William Beckford, que viveu entre 1760 e 1844, possuía uma das maiores fortunas de Inglaterra e viajou por toda a europa. Visitou Portugal em 1787, 1794 e 1798. Durante as suas visitas permaneceu vários anos no nosso país, onde contactou e fez amizades com membros das mais ilustres famílias portuguesas da época, como os Marialva, os Palmela e D. José, Morgado de Mateus, que tanto queria que ele visitasse o Douro e o Minho.

Beckford ficou de tal maneira cativado pelo nosso país que, em 1804, sete anos após a sua primeira visita a Portugal, ainda escrevia ao seu amigo Jacinto Bandeira, futuro barão de Porto Covo:

"... mon affection pour le Portugal et mon désir d'y retourner ne cessera qu'avec mon existence..."

Ao fazer uma re-avaliação da vida e da obra de Beckford muito do que tem sido escrito sobre ele, tanto em Portugal como no estrangeiro, tem de ser revisto e corrigido. De facto, desde que, em 1978, comecei a fazer investigação sobre este tema e pude consultar todo o espólio - até então praticamente inacessível - verifiquei que, além de encontrar ainda muito material inédito, havia também, entre as cartas, partituras, desenhos e manuscritos, elementos que, uma vez investigados em profundidade, sobretudo por um Beckfordiano português, podiam levar a conclusões diferentes das até então conhecidas, O estudo deste material, assim como da biografia, da totalidade da obra - publicada em vida de Beckford e póstuma - e do contexto socio-político no qual ele viveu, deram-me uma visão diferente do homem e do escritor. Esta imagem mais complexa de William Beckford resulta sobretudo da natureza plurifacetada dos seus interesses, que estão aliás bem evidentes nos dois relatos de viagens que ele escreveu sobre Portugal, intitulados Italy, with schetches of Portugal and Spain (1834)) e Recollections of an Excursion to the Monasteries of Alcobaça and Batalha 2) (1835). Através da leitura destas obras, verifica-se que os interesses de William Beckford alcançam campos tão variados como música, a arquitectura, a pintura, a arquitectura paisagística, a jardinagem e até a gastronomia. Conclui-se também que, mesmo no contexto de uma vida tão espectacular e romântica como a de Beckford, as visitas que fez a Portugal devem ser consideradas uma das suas mais impressionantes experiências. A capacidade descritiva do ambiente setecentista português do autor de Italy e Recollections lembra, tal como já afirmou um crítico a propósito da primeira obra, uma pintura de Canaletto e uma comédia de Goldoni,

Um estudo aprofundado da vinda de Beckford dá-nos explicações para muitas das características de toda a sua vasta produção artística, pois, este é um dos casos em que o homem é o melhor dos meios para compreender a obra. De facto, a personalidade de William Beckford, que tanto espantou os seus contemporâneos e tem deixado perplexos e confusos alguns críticos e biógrafos modernos, não deve ser vista com o olhar de um observador do século XX. Muitas das atitudes que têm sido classificadas como extravagantes ou jactantes, como por exemplo, a construção de uma colossal abadia neo-gótica em Fonthill ou a organização de festas consideradas orgíacas ou de megalómano para celebrar o Natal ou a maioridade, integramse no conjunto de tantas outras manifestações de excesso que eram afinal representativas do Zeitgeist da época de Beckford. Na verdade, ele viveu num mundo totalmente diferente do nosso, onde a extravagância era sinónimo de riqueza e o poder económico visto como prova de bondade moral.

Através da leitura de toda a abundante e variada obra de Beckford, obtém-se informação acerca dos múltiplos assuntos que constituiam o universo cultural deste homem de excepção mesmo para a sua época. Na verdade, ele fala-nos de pintura em Biographical Memories of Extraordinary Painters (1780); de literatura em Modern Novel Writing (1796); de política em Azemia (1797); do culto da morte em Epitaphs (1823); do fantástico e do ocultismo em The vision; do animismo imaginativo em Tale of the Lioness e do diabo em The Mysterious Visit (Pub. póstumas respectivamente em 1930 e 1932). O seu interesse pelo oriente está bem obvio, entre as obras publicadas, em Vathek (1786) e Episodes (1912). Toda esta produção literária e muitas outras obras que lhe são atribuídas deveriam fazer com que Beckford tivesse um papel importante na evolução da ficção narrativa em Inglaterra.

Entre as obras literárias, destacam-se, sem dúvida, as que escreveu sobre Portugal e que os críticos são unânimes em louvar. Em 1944, num artigo publicado em T.L.S., Guy Chapman referia-se a Recollections como "one of the most finished small masterpieces in the language". Muito se tem escrito sobre o valor dos relatos de viagem e a riqueza de informação cultural contida nas cartas aos amigos e nos dois diários escritos em Portugal em 1787-88 e 1794, e recentemente publicados com os títulos de The Journal of William Beckford în Portugal and Spain 1787-1788 e Beckford's 1794 Journal, of the sobre a influência benéfica que teve sobre este vinal.

ajante inglês a estada no país que ele tanto veio a apreciar mas a que no início se referia satiricamente como "Terra Papale" 6) "This Dirty Fag End of Europe" 7). A experiência que o escritor viveu tão intensamente entre nos está bem patente na forma como ele apresenta Portugal, A sua visão do que designa como "Paradaise of D. Fagundes" 8) é muito diferente da de tantos outros viajantes ingleses, que visitaram o nosso país na mesma época, Beckford contempla a paisagem portuguesa com o olhar de um artista que deseja pintar tudo o que vê. Fê-lo, de resto, tanto com a caneta como com os pinceis, como se pode verificar através dos curiosos que ainda hoje se encontram entre os seus papeis pessoais no espolio, como o do Castelo de Alfeizeirão, que é uma das raras representações pictóricas do castelo daquela época. Em Portugal tudo parece encantá-lo: o gosto dos portugueses pela música e pela danca; a religião católica, com as procissões que eram verdadeiros espectáculos; a vida luxuosa da corte; o povo de Lisboa; as atitudes machistas dos homens; as características multiraciais da sociedade; o gosto pelos jardins e pelas flores; uma gastronomia que era requintada e exótica (Beckford faz, por exemplo, referências à cozinha chinesa); e até a língua, que ele tinha estudado antes de vir o que lhe permitia ler e ter contactos com portugueses de todos os níveis sociais. São de grande interesse as suas opiniões sobre Camões e Bocage e sobre o estado da medicina ou a evolução da política.

Na verdade, todos os aspectos do Portugal do antigo regime agradam a Beckford, que se integrou perfeitamente no ambiente de excesso quase delirante que reinava no nosso país nos últimos anos do século XVIII. O estilo de vida dos fidalgos portugueses, que pareciam viver ainda num mundo Barroco, deve certamente ter contribuído para sugerir a Beckford a forma espectacular como ele veio a viver em Fonthill Abbey depois de ter habitado entre nós em S. José de Ribamar, no Ramalhão e em Monserrate. A própria "Abadia" de Fonthill e os jardins e parques que a rodeavam, em cuja construção e planeamento Beckford demonstrou todos os seus vastos conhecimentos de arquitectura e jardinagem, beneficiou certamente da experiência de construção e arquitectura paisagística que ele adquiriu

em Portugal, onde fez plantas para uma casa em Lisboa, na rua da Cova da Moura, o planeamento dos jardins do Ramalhão e as obras de restauro no palácio neo-gótico de Monserrate e no parque que o circumda, onde construiu cascatas (que ainda hoje aliás se podem ver).

Até um dos mais impressionantes pormenores de Fonthill Abbey, e aparentemente aquele que mais contribuía para lhe dar a atmosfera de uma catedral medieval: as janelas em ogiva com vitrais, - como ele próprio confessa -, foi inspirado pelos vitrais do Mosteiro da Batalha, cuja visita ele tão magnificamente descreve. Embora, como já disse, outros estudiosos tenham escrito sobre Beckford e as suas visitas a Portugal, ao longo das minhas investigações verifiquei que havia, ainda, um campo por explorar: a história da recepção estética da obra de Beckford em Portugal não tinha praticamente sido feita. Um dos objectivos da minha comunicação é pois demonstrar como Portugal recebeu e apreciou a figura romântica e a produção literária de William Beckford e que os portugueses também admiraram o seu famoso visitante inglês. Em resumo, que se trata de um caso de atracção mútua.

Para começar, é justo dizer que a maior parte dos problemas relacionados com as estadas de Beckford em Portugal foram levantados por críticos portugueses que, praticamente desde a data da sua primeira visita, têm escrito sobre este viajante inglês que viveu em Lisboa e em Sintra. Curiosamente, nestas referências Beckford é quase sempre mencionado como "Lord Beckford", conseguindo assim em Portugal a nobilitação pela qual tanto lutou em Inglaterra e que nunca lhe chegou a ser concedida.

Quanto à recepção da obra, e seguindo a definição citada por Gunter Grimm em Rezeptionsgeschichte, 9) que considera que esta inclui traduções, imitações, citações, paródias e reminiscências, e também H.R. Jauss, 10) que afirma que a história da literatura é um processo de autêntica recepção e produção, que é constituída pela actualização de textos literários feita pelo leitor receptivo, pelo crítico meditativo e pelo escritor que produz novas obras, vejamos como se realizou essa recepção estética da produção artística de William Beckford em Portugal. As obras literárias foram lidas e apreciadas pelos seus melhores amigos portugueses, mes-

mo ainda durante a primeira visita. de facto, tal como pode ler-se no Journal-1787, o próprio Beckford lhes emprestou não só Vathek - cuja polémica primeira edição tinha sido publicada no ano anterior - mas também Episodes e até o próprio diário. Porém, a popularidade das suas obras entre os leitores portugueses só poderia aumentar após terem sido traduzidas.

As primeiras traduções de Italy e de Recollections, respectivamente com os títulos Lettres Sur Le Portugal e Souvenirs D'un Voyage A Alcobaça, foram feitas em Portugal em 1836 e 1840, portanto alguns anos apenas após terem sido publicadas em Inglaterra. É de referir que foram traduzidas para francês e não para português por Mme Catherina d'Andrade para A Abelha, 11) um periódico bilingue, que era então publicado em Lisboa e que se destinava obviamente a um público restrito.

Foi apenas a partir de 1855 que os relatos de viagem de Beckford se tornaram mais conhecidos quando O Panorama, que era um periodico muito popular, começou a publicação em folhetins da primeira tradução portuguesa de Italy. Embora incompleta, esta versão foi depois reproduzida noutro jornal literário intitulado A Leitura 12) e também por Manuel Bernardes Branco em Portugal e os Estrangeiros. 13) Alguns anos mais tarde, em 1901, Zacarias d'Aça traduziu de novo Italy com o título A Corte de D. Maria I. Correspondência de William Beckford 1787. 14) Embora também incompleta, esta tradução é bastante mais correcta e contribuiu para familiarizar os leitores portugueses com a beleza das descrições da obra de Beckford. Recollections foi apenas traduzido uma vez, em 1914, com o título Alcobaça e Batalha (Recordações de uma Excursão). Os autores desta versão, aliás muito incompleta, Joaquim Lúcio Lobo e M. Vieira Natividade, designaram-na como tradução livre, mas qualquer Beckfordiano a considera uma verdadeira traição visto que pouco nela resta das excelentes características do original.

Perante a má qualidade das traduções atrás referidas e o facto de que actualmente estão obsoletas, causa espanto que não haja qualquer versão recente dos livros de viagem de Beckford. Por outro lado, o *Journal* de 1787-88, publicado em Inglaterra em 1954, foi traduzido em português em 1957 e apesar de se tratar de uma

tradução cheia de incorrecções e de um texto que, ao contrário dos outros, o autor nunca pensou publicar, em 1983 foi feita uma reedição em que são mantidos os mesmos erros.

De todas as obras de Beckford foi *Vathek* a que mais vezes foi traduzida para português. Porém, ao contrário das dos relatos de viagem, as três traduções deste conto oriental são bastante recentes, pois datam de 1973, 1978 e 1982. 16)

Para além das traduções, houve também em Portugal manifestações de interesse por Beckford e pelas suas produções artísticas, que se podem integrar no que alguns classificam como recepção produtiva ou activa. Na verdade, encontram-se referências a Beckford e recensões críticas da sua obra em quase todos os periódicos mais importantes do século XIX, tais como O Panorama, Arquivo Pitoreseo, Ilustração Portuguesa e O Sēculo.

O nome de William Beckford passou assim a ser conhecido em Portugal. A sua fama (apesar das más traduções) era, sem dúvida, devida às obras literárias - sobretudo às narrativas de viagem que se transformaram em verdadeiros modelos no seu género - mas os relatos da vida e das realizações de "Lord" Beckford são tão frequentes na imprensa portuguesa, no início do século XX, que começa a surgir o que se pode designar como a lenda de Beckford em Portugal.

Segundo essa lenda, Beckford tinha todas as características de um herói romântico byroniano "Avant La Lettre". Para completar a imagem, era até infeliz nos amores com a filha primogénita da mais nobre família portuguesa: os Marialvas. Muitos dos elementos desta lenda têm a sua origem na tradição oral, talvez posta a circular pelos amigos de Beckford - ou até pelo próprio. Contudo, é o romancista Luís Augusto Rebelo da Silva que deve ser considerado o grande responsável por esta visão romanesca do visitante inglês. Com efeito, embora, nos nossos dias, Beckford tenha sido escolhido para protagonista das suas obras por novelistas ingleses, como Michael Sadleir, ¹⁷⁾ Elizabeth Kyle ¹⁸⁾ e Aubrey Menen ¹⁹⁾ e recentemente, o mesmo tenha sucedido em França com Bernard Sichère no seu romance Je, William Beckford, ²⁰⁾ publicado em 1984, foi, sem dúvida, a introdução escrita por Rebelo da

Silva para a ja mencionada tradução de Italy, apresentada por 0 Panorama com o título Viagens de Beckford a Portugal - Cartas Escritas em 1787, 21) que iniciou a lenda do "Fidalgo Rico".

Rebelo da Silva desenvolveu a sua "Fábula" acerca da grande riqueza, da devoção religiosa e do noivado com D.Henriqueta Marialva no romance Lágrimas e Tesouros, 22) que publicou em 1863. A maior parte dos jornalistas portugueses, embora acrescentando alguns elementos de sua autoria, tomaram como verdadeiras as afirmações de Rebelo da Silva. Até um investigador francês, André Parreaux, em 1935, apresentou uma tese de licenciatura 23) baseada na versão dos acontecimentos ocorridos com Beckford em Portugal dada no romance Lágrimas e Tesouros, cujo título é certamente inspirado na vida atribulada e faustosa de Beckford.

Rebelo da Silva é, sem dúvida, um bom exemplo da forma como os portugueses foram atraídos pela figura romântica do seu visitante, tal como o próprio Beckford tinha ficado cativado por Portugal e pelo modo de vida dos portugueses. Foi Rebelo da Silva o primeiro romancista a pensar que Beckford podia ser o herói de uma obra literária e o seu romance histórico iniciou o que pode ser considerado um movimento de recepção produtiva. Com efeito, depois de terem servido de fonte de inspiração para Lágrimas e Tesouros, a vida e as realizações de Beckford foram mencionadas por vários escritores portugueses, como Alberto Pimentel, Francisco Câncio, D. Luís de Castro, Teófilo Braga e Francisco Costa. As referências a Beckford e à sua permanência em Portugal são praticamente obrigatórias em quase todos os artigos escritos sobre Sintra ou nos estudos feitos sobre Lisboa. Tornaram-se também quase indispensáveis nas obras históricas sobre o século XVIII, como é o caso de D. Maria I 1777-1792 ²⁴⁾ de Caetano Beirão.

Em 1904, Beckford voltou a ser escolhido para personagem de um romance histórico português da autoria de Carlos Malheiro Dias. O tema desta "novela romântica" intitulada O Grande Cagliostro ²⁵⁾ é o encontro em Lisboa (aliás bastante provável) entre "Lord Beckford", que segundo o autor era "rico como Cresus", e o famoso mágico e impostor Cagliostro. Este romance atingiu tal popularidade que, depois de ter sido publicado em folhetim em A I-

lustração Portuguesa ²⁶⁾ e mais tarde num so volume, em 1905, serviu de tema a uma peça teatral. ²⁷⁾

Além de nítidos ecos Beckfordianos que se detectam nas obras de Rocha Martins e de Júlio Dantas, que, em 1919, na sua peça Carlota Joaquina 28) utiliza e adapta textos de Beckford, encontram-se igualmente reflexos Beckfordianos fora do domínio da literatura. Verificamos assim que William Beckford impressionou e inspirou outros artistas portugueses, tal como Luís de Freitas Branco, que se pode considerar um dos nossos mais famosos compositores. Com efeito, em 1913, portanto cento e vinte sete anos após a primeira edição de Vathek, esta obra serviu de tema ao "Poema Sinfonico" com o mesmo título da autoria de Freitas Branco. Esta composição musical foi uma das contribuições de Freitas Branco para o início do movimento do modernismo em Portugal e devido as técnicas inovadoras utilizadas merece um lugar de destaque na evolução da música portuguesa.

Também no campo da arquitectura se podem encontrar o que podemos continuar a chamar ecos Beckfordianos. Com efeito, um dos poucos edifícios neogóticos existentes em Lisboa e pertencente à Condessa de Vilalva, segundo a tradição oral e referências feitas por Ramalho Ortigão 29) em artigos pulbicados em jornais. 30) foi construído para imitar o 'palácio' de um famoso inglês. Comparando o actual palacete que foi construído para servir de cavalariça por José Maria de Almeida, Conde de Vilalva, com as múltiplas gravuras existentes de Fonthill Abbey (de que actualmente apenas resta uma ala) como se pode ver nos diapositivos, não é difícil detectar semelhanças e uma provável inspiração. Verificando através da consulta do espólio do Conde, que este ia com frequência a Inglaterra e que era amigo do nosso Embaixador em Londres, o Conde de Funchal, que costumava visitar Beckford em Fonthill, pude concluir que é pelo menos possível, que Vilalva tenha construído a parte neogótica da sua sumptuosa residência, toda ela edificada segundo o estilo neoclássico, seguindo o então famoso modelo inglês de Fonthill Abbev. 31)

Todo o intercâmbio artístico de influências e inspirações a que me tenho vindo a referir ajudam a compreender que os portugueses nunca tenham esquecido o seu amigo inglês e que ele em 1812, escrevesse ainda ao seu secretário e *factorum* português, Gregorio Franchi: "... the memories of Portugal will always be the ones nearest to my heart."

Interest (guilleres | 10 km inches |

a que ma tenha esta de la compansa a material de la compansa de la

NOTAS

- Italy: with Sketches of Spain and Portugal. 2 vols. London, Richard Bentley, 1834. Referida neste trabalho como Italy.
- Recollections of an Excursion to the Monasteries of Alcobaça and Batalha. London, Richard Bentley, 1835. Referida neste trabalho como Recollections.
- 3) The Times Literary Supplement Saturday, May 6, 1944, p.222.
- The Journal of William Beckford in Portugal and Spain 1787--1788. Ed. Boyd Alexander. London, Rupert Hart-Davis, 1954.
- 5) Beckford's 1794 Journal. Ed. Boyd Alexander. In William Beckford of Fonthill, Writer, Traveller, Collector, Caliph 1760--1844, Howard Gotlieb. New Haven, Yale University Library, 1960.
- 6) Life at Fonthill, 1807-1822, ed. Boyd Alexander. London, Rupert Hart-Davis, 1957, p. 68.
- 7) Carta a Sir William Hamilton (24.12.1783), in The Collection of Autograph Letters and Historical Documents, Alfred Morrison (2nd Series, The Hamilton and Nelson Papers), 1893, vol. I, p. 183.
- 8) Life at Fonthill, 1807-1822, p. 71.
- Gunter Grimm, Rezeptionsgeschichte Grundlegung einer Theorie. München, Wilhelm Fink Verlag, 1977, p. 318, note 424.
- 10) Hans Robert Jauss, Literaturgeschichte als Provokation, Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag, 1949, p. 172.
- 11) A Abelha Jornal de Utilidade, Instrução e Recreio em Português e Francês. Lisboa, Imp. Cândido Silva Carvalho, №1,1836, p. 135 - №. 51, 1843, p. 414.
- 12) Portugal em 1787 in A Leitura, Magazine Literário, №. 42-47.
- Manuel Bernardes Branco, Portugal e os Estrangeiros. Lisboa, Academia Real das Ciências, 1879, pp. 76-136.

- 14) Zacarias d'Aça, A Corte de D. Maria I Correspondência de William Beckford - 1787. Lisboa, Livraria Tavares Cardoso, 1901.
- 15) Alcobaça e Batalha (Recordações de uma Excursão). Alcobaça, Tip.

 A.M. de Oliveira, 1914.
- 16) Vathek Conto Arabe. Lisboa, Os Amigos do Livro, s.d. Vathek Lisboa, Estampa, 1978. Historia do Califa Vathek. Lisboa, Ed. Afrontamento, 1982.
- 17) Privilege a Novel of the Transition. London, Constable & Co, 1921.
- 18) The Pleasure Dome. London, The Windmill Press, 1943.
- 19) Fonthill, a Comedy. London, Hamish Hamilton, 1975.
- 20) Je, William Beckford. Paris, Denoël, 1984.
- 21) O Panorama, Semanário de Literatura e Instrução. Lisboa, Tip. do Panorama, 1855, 1856 e 1857.
- 22) Lágrimas e Tesouros Fragmento de uma História Verdadeira. Lisboa, Emp. da História de Portugal, 1863.
- 23) Le Portugal dans l'Oeuvre de William Beckford. Paris, Les Belles Lettres, 1935.
- 24) Caetano Beirão, D. Maria I 1777-1792. Subsídios para a Revisão do seu Reinado. Lisboa, Emp. Nacional de Publicidade, 1934.
- 25) O Grande Cagliostro Novela Romântica. Lisboa, Liv. Bertrand, 1905.
- 26) Carlos Malheiro Dias, O Grande Cagliostro Novela Histórica.
 Folhetim em A Ilustração Portuguesa, 1904-1906.
- 27) O Grande Cagliostro Comédia em cinco actos. Porto, Magalhães e Moniz, 1905.
- 28) Júlio Dantas, Carlota Joaquina, peça em um acto. Sociedade Editorial Portugal-Brasil, 1919.
- 29) As Farpas tomo IX O Pais e a Sociedade Portuguesa. Janeiro, 1882. Lisboa, Liv. Bertrand, 1944, pp. 154-155.
- 30) Diário de Lisboa, 12.6.1943.

31) Para mais informação sobre este assunto v. Maria Laura Bettencourt Pires, William Beckford e Portugal - Uma Visão Diferente do Homem e da Obra. Tese de doutoramento apresentada à Universidade Nova de Lisboa em 1985.